

QUANDO O LIVRO DEIXA DE SER SÓ LIVRO: UMA LEITURA DE *GALÁXIAS*, DE HAROLDO DE CAMPOS

*When a Book Is No Longer Just a Book:
A Reading of Haroldo de Campos's Galáxias*

Priscila Topdjian ¹

Há livros que contam histórias; outros organizam ideias; e há aqueles que parecem questionar o próprio conceito de livro. *Galáxias*, de Haroldo de Campos (São Paulo, 19 de agosto de 1929 — São Paulo, 16 de agosto de 2003), pertence a esse último grupo. Poeta, crítico literário e tradutor brasileiro, Haroldo é considerado, ao lado de Augusto de Campos, seu irmão, e Décio Pignatari, com quem formou o grupo *Noigandres*, um dos principais representantes da poesia concreta no Brasil. Longe de oferecer uma leitura convencional, a obra propõe uma experiência que ultrapassa o entendimento imediato e convida o leitor a repensar o que significa ler.

No contato com *Galáxias*, surge uma pergunta provocadora: ela pode ser considerada uma obra de artista? A questão, embora técnica, abre caminho para uma reflexão mais ampla sobre os limites entre literatura, arte e objeto. Afinal, quando um livro deixa de ser apenas um suporte para o texto e passa a ser parte essencial da obra?

Publicado originalmente em 1984, após circular em fragmentos desde a década de 1970, *Galáxias* é formado por cinquenta textos

¹ Doutoranda em Teoria e Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto. E-mail: priscila.topdjian@unesp.br. Lattes: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do> ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5791-6589>

que rompem com qualquer expectativa tradicional de narrativa. Não há começo, meio e fim no sentido clássico. Tampouco há pontuação convencional ou organização linear. O leitor entra em um fluxo de linguagem que parece estar sempre começando de novo, como se cada página fosse ao mesmo tempo origem e continuidade. A leitura se aproxima mais de uma experiência sensorial do que de um processo lógico.

Haroldo de Campos leva ao extremo sua experimentação com a linguagem nessa obra que desafia qualquer tentativa de categorização. Inserido na tradição das vanguardas do século XX, o texto expande os limites da prosa e da poesia ao construir um fluxo verbal ininterrupto. A sintaxe se desdobra em múltiplas camadas, criando ritmos próprios e ressonâncias que exigem do leitor uma imersão total. Não há pausas definidas, não há respiro tradicional, apenas a cadência das palavras guiando um percurso labiríntico de referências literárias, culturais e filosóficas.

Essa sensação de deslocamento não é acidental. Haroldo constrói uma escrita em que o sentido não depende apenas do significado das palavras, mas também do som, do ritmo e da visualidade. Ler *Galáxias* é, em muitos momentos, ouvir o texto, quase como se fosse música. Mesmo quando não se compreende completamente o que está sendo dito, algo acontece. Há impacto, há impressão, há efeito. A linguagem deixa de ser apenas veículo de comunicação e passa a ser matéria viva, em constante transformação.

A estrutura do livro também reforça essa ideia. Cada fragmento ocupa apenas uma página, enquanto o verso permanece em branco. À primeira vista, isso pode parecer apenas uma escolha estética; ainda assim, o vazio desempenha uma função central na construção de sentido. O branco não é ausência, é pausa, intervalo, respiração visual. Ele participa da leitura tanto quanto as palavras, criando um ritmo que não é apenas verbal, mas também espacial.

Essa relação entre texto e espaço aproxima *Galáxias* da noção de livro de artista, como propõe Francyne França em artigo publicado na edição 17, de junho de 2021, da revista *eLyra*. Diferente de um

livro comum, em que o conteúdo pode ser dissociado do suporte, o livro de artista integra forma e conteúdo de maneira inseparável. O objeto em si torna-se parte da obra. A página, o design, o modo de organização e até a manipulação física influenciam diretamente a experiência do leitor.

No entanto, *Galáxias* não se encaixa facilmente nessa categoria. Sua inovação não reside em uma ruptura material radical, e sim em uma transformação conceitual. O livro continua sendo, fisicamente, um livro, porém funciona de outro modo. A leitura deixa de ser apenas decodificação e passa a envolver percepção, sensibilidade e participação ativa.

Esse caráter participativo é um dos aspectos mais marcantes da obra. Como não há linearidade narrativa, o leitor precisa construir seu próprio percurso. Cada leitura pode gerar sentidos diferentes. Não existe interpretação definitiva, apenas uma multiplicidade de caminhos possíveis. Nesse sentido, Haroldo aproxima a leitura do próprio ato de criação.

Essa ideia se articula com o conceito de *work in progress*, fundamental para compreender a obra. O próprio autor define *Galáxias* como um “livro por escrever”, sugerindo que ele nunca se completa plenamente. Ler e escrever tornam-se processos indissociáveis. O texto está sempre em movimento, sempre aberto a novas possibilidades. Cada leitor, ao percorrê-lo, reinscreve a obra de alguma maneira.

Essa abertura para a reinvenção constante aproxima *Galáxias* de escritores como James Joyce e Stéphane Mallarmé, referências importantes na tradição estética com a qual Haroldo dialoga. Assim como em *Ulysses* ou nos experimentos tipográficos de Mallarmé, o texto não se limita a transmitir conteúdo, ele problematiza sua própria forma.

A intertextualidade em *Galáxias* é intensa e vertiginosa. O texto é atravessado por referências que vão de Guimarães Rosa a Ezra Pound, além de elementos do *I Ching* e da tradição da poesia concreta. Esse mosaico de influências não aparece como simples cita-

ção erudita; em vez disso, dissolve-se na própria linguagem. As referências se entrelaçam, se transformam e se reinventam no fluxo verbal.

A sintaxe fragmentária e a musicalidade do discurso estabelecem um jogo constante entre som e significado. Há momentos em que o texto parece evocar a oralidade da poesia épica. Em outros, aproxima-se das rupturas radicais do modernismo. Mais do que um exercício intelectual, a obra propõe uma vivência sensorial da palavra. A linguagem se expande para além do significado estrito e se torna acontecimento, algo que se dá no tempo da leitura.

Outro elemento relevante é a relação entre literatura e artes visuais. Assim como na poesia concreta, a palavra ocupa o espaço da página como forma visual. O leitor não apenas lê, ele vê o texto. Esse aspecto reforça a dimensão material da obra e amplia ainda mais o conceito de leitura.

Um exemplo curioso, descrito por Francyne França no artigo da revista *eLyra*, ajuda a compreender o impacto desse estranhamento. Uma leitora, ao folhear o livro pela primeira vez, acreditou que as páginas em branco eram um erro de impressão. A reação revela o quanto estamos condicionados a certas expectativas. Quando o livro rompe com o padrão, o desconforto surge. Esse desconforto, porém, é parte essencial da proposta e ativa a experiência de leitura.

Essa experiência radical aproxima a obra das chamadas poéticas do infinito, nas quais o texto nunca se fecha em um único sentido. Cada leitura inaugura um novo percurso, uma nova deriva pela vastidão do signo. O livro não entrega respostas; cria possibilidades.

Diante disso, a pergunta inicial, se *Galáxias* é um livro de artista, talvez não precise de uma resposta definitiva. A obra habita uma zona de fronteira. É literatura, e também objeto, experiência e processo. Mais importante do que classificá-la é reconhecer o modo como ela amplia o conceito de livro.

Em um contexto em que a leitura muitas vezes se torna rápida e utilitária, *Galáxias* propõe outra relação com o texto. Exige tempo,

atenção e disponibilidade para o inesperado. Ler deixa de ser apenas compreender e passa a ser sentir, explorar e percorrer.

No fim, o que Haroldo de Campos constrói não é apenas um livro, e sim um espaço de experimentação. Um espaço onde palavras, silêncio e forma se articulam para produzir sentido. Um espaço em que o leitor não encontra um caminho pronto, sendo convidado a criar o seu.

Talvez seja justamente isso que torna *Galáxias* tão singular. Ele não oferece respostas fáceis, nem se deixa reduzir a categorias estáveis. Em vez disso, abre possibilidades. E, ao fazer isso, transforma o ato de ler em algo mais amplo, uma experiência que envolve corpo, linguagem e imaginação.

um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço remeço um livro é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro e cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro

REFERÊNCIA

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021. 128 p. Inclui o CD **Isto não é um livro de viagem**.